

ENTREVISTA/Bernardo Cabral

Ex-ministro contesta versão do livro de Zélia pela primeira vez

BRASÍLIA — Superado o rumor provocado pela publicação de Zélia, uma Paixão, biografia da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello romanceada por Fernando Sabino, o ex-ministro Bernardo Cabral — outro protagonista da história — contesta pela primeira vez uma informação divulgada pelo livro mais apimentado do ano. Em entrevista exclusiva às repórteres Carmen Kozak e Teresa Cardoso, da Agência Estado, nega ter abandonado a ex-ministra num hotel de "quinta categoria" em Paris: "Quem me conhece sabe que eu jamais deixaria alguém em um hotel de quinta categoria."



José Paulo Lacerda/AE

Queixas

"Não li o livro, mas ele contém meias verdades. Jamais deixaria alguém num hotel de quinta"

Estado — Como o senhor se sente hoje, passada a turbulência causada pela publicação do livro?

Bernardo Cabral — Não guardo ressentimentos. Sou um homem que cultiva o respeito ao ser humano, seja ele quem for. Sempre que trato com alguém, inclusive com pessoa de condição inferior, me coloco no lugar dela. Trato as pessoas em igualdade de condições. Isso serve para pessoas extremamente poderosas e para quem não tem poder algum. Por isso, estou em paz permanente comigo. As coisas passam ao largo e não me atingem.

Estado — O senhor quer dizer que a ex-ministra Zélia é uma pessoa inferior?

Cabral — Não quero nem comentar. A melhor frase para o caso é uma que meu velho pai repetia sempre: "Quando os teus males se tornarem antigos, os de alguém serão novos." Isso significa que toda pessoa que quer atingir alguém verá, daqui a pouco, que tal mal está envelhecendo e passando a ser de outra pessoa. Nada acontece, absolutamente nada, sem que uma força superior imponha sua realização.

Estado — A ex-ministra saiu da história mais prejudicada que o senhor?

Cabral — Sobre a ex-ministra, não faço qualquer observação, porque os fatos recentes já registraram tudo. O povo respondeu por mim.

Estado — Como a revelação dos detalhes do romance o atingiu?

Cabral — É nas grandes adversidades que as pessoas que lhe querem bem são solidárias. A primeira solidariedade que recebi foi de minha família. O livro foi como um condão a nos aproximar, reunir e solidificar. Isso compreende esposa, filhos, netos, sobrinhos, enfim, todos da minha família.

Estado — O senhor chegou a supor que o romance teria tama-

nha repercussão?

Cabral — Se um bom analista da pessoa humana considerasse que esse relacionamento foi um erro e perguntasse — "Você repetiria?" —, minha resposta seria rápida: "Não."

Estado — Como o senhor vê os comentários feitos pela ex-ministra no livro sobre o fato de vocês não terem tido um filho? Ela diz ter todas as condições para procriar.

Cabral — Acho que já dei provas disso. Para pôr um ponto final na história, quero lembrar que a única coisa

Estado — Então qual era o hotel?

Cabral — Nem era hotel. A única pessoa que descreveu corretamente onde estávamos foi a colunista Hidelgard Angel. Telefone para que ela diga onde era o apartamento. (Feito o telefonema, o ex-ministro confirma a versão de que instalou-se com Zélia num apartamento no número 11 da Rue de Bassano — endereço caro da capital francesa —, alugado pelo empresário Nelson Tanure, que se encarregou de comprar uma cama, lençóis e toalhas de banho para o casal.)

Estado — O senhor agora vai ter mais cuidado com o coração?

Cabral — Quero saber qual é o ser humano que disciplina suas reações sentimentais. O cidadão que disciplina, que comanda esse tipo de reação, não pode ser uma pessoa dadivosa, que retribui carinho.

Estado — Então o cupido pode flechá-lo novamente.

Cabral — Não diria que o cupido me flechou. Qual é o ser humano que está infenso a ser atingido por uma coisa dessa natureza?

Estado — Qual o conselho que o senhor dá para os homens da sua idade?

Cabral — Só espero que cada um saiba distinguir o essencial do acessório. Se souber distinguir, talvez consiga tomar os cuidados necessários.

Estado — O que o senhor quer dizer com "essencial" e "acessório"?

Cabral — O amor acessório é aquele de se deitar, dar-se, ter a retribuição, sem que isso resulte numa complicação. Para quem é humano, é muito difícil distinguir entre o essencial e o acessório. O que pode ter parecido uma cabeçada agora, quem sabe se no momento exato não era? Por que nós queremos ser sábios das coisas acontecidas? Assim fica fácil.

"Como partiu de mim o término, o outro lado deveria respeitar. Se tivesse partido do outro lado, eu respeitaria."

que ninguém apontou ao longo desse tiroteio, nem a ex-ministra, foi algum ato meu de desonestidade. Não há ninguém que diga que eu tenha exercido esta ou aquela influência por favores para terceiros ou para mim. Minhas mãos estão limpas.

Estado — Por que o senhor abandonou a ex-ministra em Paris?

Cabral — Como partiu de mim o término do romance, o outro lado deveria respeitar. Se tivesse partido do outro lado, eu respeitaria. Não li o livro, mas ele contém meias verdades. Porque quem me conhece sabe que eu jamais deixaria alguém em um hotel de quinta categoria em Paris.